POR *Décio Galina, de Windhoek* FOTOS *Kiko Ferrite*

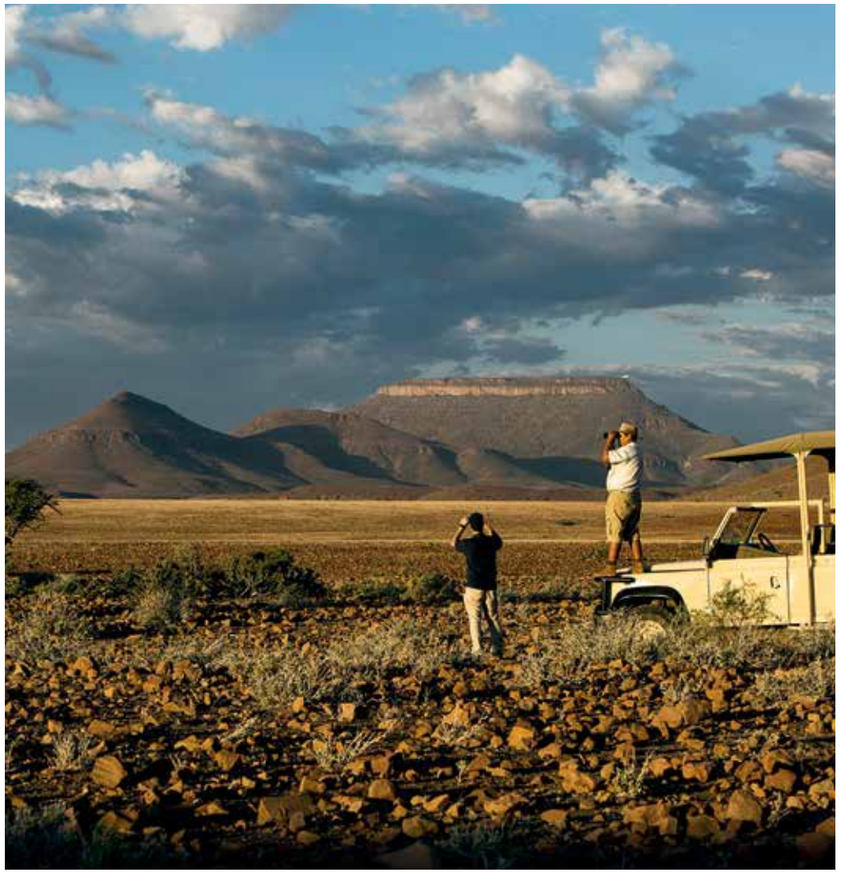
RETRATOS DA NAMÍBIA

Como se não bastassem os safáris com rinocerontes-negros, leões, girafas, zebras, elefantes e órix, este país no sudoeste africano tem paisagens desérticas espetaculares

1. O primeiro órix a gente nunca esquece

Chorei. Pronto, melhor confessar de uma vez e entregar que me emocionei logo no primeiro bicho que surgiu, assim, do nada, atravessando a estrada de terra. Passou correndo em frente ao Land Rover e galopou até o topo de um morro baixo. Parou na contraluz do pôr do sol, voltou o olhar para o jipe e ali ficou. Um órix, antílope de 2,3 metros de comprimento, 1,4 metro de altura, 240 quilos e dois chifres retos de 80 centímetros. Uma beleza de animal. Acostumado a estepes áridas, a um calor infernal e à falta d'água, ele tem ótima audição – deve ter escutado meus soluços e entendido que estava sensível ao primeiro fim de tarde no sudoeste da África, na Namíbia, um dos principais destinos de safári no continente, ao lado de Botsuana, Quênia e Tanzânia. A Namíbia, porém, se destaca dos vizinhos graças à paisagem desértica, às dunas das mais altas do mundo escorrendo até o Atlântico, às carcaças de naufrágios na Costa dos Esqueletos, aos visuais arrebatadores de cânions e montanhas multicoloridas.

Dois órix aparecem no emblema da Namíbia, independente da África do Sul há 25 anos. Estamos no noroeste do país de 2,2 milhões de habitantes, longe de qualquer rastro de civilização, isolados no Desert Rhino Camp, da Wilderness Safari, rede que tem 44 lodges em sete países e uma companhia aérea própria, com 40 aviões (de 3 a 10 lugares), capazes de pousar em pistas de terra. Logo no primeiro bicho (o órix da foto) percebi que a graça do safári é não saber o que vamos ver na próxima curva. Ficamos à mercê da natureza, quase invisíveis em um cenário fantástico.
E a viagem estava só começando.



2. No rastro do rinoceronte-negro

"Amanhã, saímos às 6 horas da manhã para tentar encontrar um dos 17 rinocerontes-negros que são monitorados na reserva *[trabalho coordenado pelo Save the Rhino Trust]*. Usem roupas de cores neutras e não passem perfume para termos mais chances de os animais não nos sentirem. Um grupo de três rastreadores vai sair 3 horas antes para achar a pista do rino. Se localizarem, nós nos aproximamos de jipe até um ponto e de lá seguimos a pé. Quando estivermos perto, não falem e fiquem sempre em grupo. Se o animal nos encarar e vier em nossa direção, continuem juntos e não corram – um dos rastreadores vai chamar a atenção do rinoceronte", as palavras do guia Johann Graham Cloete, 34 anos, enchem o grupo de expectativa. Nesta região desértica da Namíbia, mais do que a quantidade de animais, o que chama a atenção é a chance de ver poucos e bons em um cenário tão inóspito. "Vim para cá justamente por causa desta paisagem e por ter pouca gente. Procurava um lugar realmente único. Na Namíbia, é tudo muito diferente do resto da África", comenta a anestesista australiana Tania Rogerson, 39 anos. "Não imaginava ver tantos animais no deserto." Seis horas mais tarde somos recompensados pela presença de um rinoceronte-negro fêmea e seu bebê de 10 meses. Pelas características do bicho, a equipe do Save the Rhino Trust soube que se tratava da Top Notch, rino de 21 anos, que já teve cinco filhos e foi avistada 47 vezes em 2014. Até chegar à protagonista do dia, vimos meia dúzia de órix, antílopes menores (como o steenbok) e três girafas (foi aí que percebi que adoro girafas e não sabia – elas andam de forma elegante, têm um olhar blasé e são desengonçadas na hora de beber água; não é para menos que os leões atacam nessa hora). Fechamos o dia no topo de um morro árido, com um pôr do sol de franjas cinza de chuva no horizonte e uma faixa de céu laranja espremida por nuvens próximas ao solo. Do outro lado, 22 zebras estáticas, de olho no grupo de cinco turistas e um jipe. Mais calmas com nossa aproximação a pé, voltam a brincar, a enroscar os pescoços, a galopar até o anoitecer. Na escuridão, um tapete de estrelas nos leva ao Desert Rhino Camp.

NOS ARREDORES DO DESERT RHINO CAMP, AS PAISAGENS CHAMAM TANTO A ATENÇÃO QUANTO OS ANIMAIS. NO ALTO, CADERNO ONDE A EQUIPE DO SAVE THE RHINO TRUST ANOTA O ANIMAL VISTO NAQUELE DIA; E GIRAFA AVISTADA NO ÁRIDO NOROESTE DO PAÍS

DE CIMA PARA BAIXO, QUARTO 8 DO SERRA CAFEMA CAMP, PERTO DA FRONTEIRA COM ANGOLA; CROCODILO À ESPREITA DE UM GRUPO DE MACACOS NO RIO KUNENE; E PASSEIO DE QUADRICICLO NO PÔR DO SOL

3. Perto de Angola, crocodilos e macacos

Mesmo para quem sai estupefato com o visual dos arredores do Desert Rhino Camp, o voo sobre o Parque Nacional da Costa dos Esqueletos, que leva aos cafundós do noroeste da Namíbia, é de arrepiar de lindo. Se fosse só pelo que se vê do voo, já valeria a turbulência. O "problema" é que, após o voo, há o traslado para o Serra Cafema Camp – quer dizer, é vendido como traslado, mas, de fato, é um passeio panorâmico de 1 hora por dunas e montanhas que você fica pedindo para parar o jipe toda hora para fazer só mais uma foto, prometo que é a última. Quando você não aguenta mais repetir: "Nossa, que lugar maravilhoso, não pensei que fosse tudo isso", o guia Arnold Tsaneb, 34 anos, breca antes de descer uma ladeira, faz um movimento horizontal de 180 graus com o braço e dispara: "Bem-vindos ao meu escritório. Esta paisagem é um resumo da Namíbia, o contraste do rio com o deserto, um lugar sem igual". Abaixo, uma linha verde de vegetação contorna o rio Kunene, quebrando a paisagem arenosa, dourada. Na margem oposta do rio, Angola. Escondidos na linha verde, as oito suítes do Serra Cafema. "Esse camp é mais para relaxar, ouvir as corredeiras do rio, aproveitar uma massagem. Os hóspedes que chegam aqui já viram o mundo, querem conforto, ótimas refeições, um bom vinho e tempo para olhar para todos os lados", resume Arnold. No cardápio de atividades, visita a uma aldeia Himba, passeio de quadriciclo nas dunas e safári de barco no Kunene. "Não coloquem a mão na água pois os crocodilos podem atacar", avisa Arnold. Depois de flagrarmos um baita crocodilo com a cabeça na areia da praia, à espreita de 20 macacos que se divertiam no lado angolano, vimos um homem acenando na margem. Era o Luciano, 42 anos, nove filhos, de saia azul e Havaianas com bandeira do Brasil, que vive da plantação de milho e batatas. Disse em português: "Preciso de uma carona para o outro lado do rio". "Ok, suba a bordo. Mas vai fazer o que na Namíbia?" "Vou passear."

4. A pele vermelha das mulheres Himba

Cabras e vacas ditam a vida dos Himba, povo secular de pastores seminômades que perambula entre as montanhas desérticas da fronteira Namíbia-Angola. Os homens passam o dia fora, levando o rebanho até um bom local de pastagem e água.

As mulheres permanecem na aldeia com os filhos, cuidam da oca feita de galhos e de uma massa de esterco e areia. Elas são famosas graças ao otjize, uma pasta feita com pedra moída de minério de ferro, misturada com gordura e manteiga. Elas não tomam banho – lambuzam o corpo todo com otjize, ficam vermelhas e estão prontas para o dia. O creme, que protege do sol, do ar seco e dos insetos, também vale para o cabelo, que fica com aspecto de dreadlock. As casadas utilizam adornos feito de couro na cabeça. O homem pode ter mais de uma esposa – basta possuir cabeças de gado suficientes para presentear a família de cada moça. A meia hora do Serra Cafema Camp, encontramos, em um vale, uma aldeia de 15 famílias. Com a ajuda de um tradutor, conseguimos conversar com as mulheres e brincar um pouco com as crianças. Vamos embora com o fim da luz natural. Enquanto o jipe sobe a duna, as pequenas ocas somem como se não existissem.

5. Ongava Tented Camp: a rotina diária de dois safáris incríveis

A chegada no Ongava Tented Camp, um dos mais clássicos pontos de hospedagem de safári na África, é um turbilhão de emoções. Por um lado, você está superfeliz por finalmente "estar ali"; por outro, é impossível negar uma certa adrenalina ao perceber que não existe nenhum portão ou cancela separando a entrada do lodge do mundo animal. Zebras, leões, elefantes, girafas, springboks, impalas, rinocerontes, a bicharada circula à vontade e fica evidente quem é o intruso e quem deve se manter na linha. A reserva de Ongava é exclusiva para os quatro lodges do Wilderness Safari, o que garante poucos jipes circulando. Logo na apresentação de um dos oito quartos do Tented Camp, o primeiro objeto mostrado é uma buzina de emergência. A segunda recomendação é jamais sair do quarto à noite.

A rotina se divide em dois safáris diários: um de manhã (acorda-se sempre às 5 horas – nunca acordei com tanto bom humor nesse horário; idem para o fotógrafo Kiko Ferrite, que programava o despertador com "Ainda é cedo", da Legião Urbana, o que nos fazia levantar cantando como se estivéssemos em um karaokê) e outro no fim da tarde, com saída às 16 horas. Quer dizer, além de ver bem de perto bichos a rodo, sempre o fazemos com as melhores luzes do dia. Depois do almoço, há tempo para uma sesta, o que não significa que você conseguirá dormir: em um dos dias, dois elefantes começaram uma brincadeira totalmente espalhafatosa de jogar água um no outro.

"Já sabia que veríamos bastante vida animal aqui na Namíbia, mas não imaginava jantar com um bando de rinocerontes", conta o engenheiro belga Jan Vogeleer, 45 anos, que está viajando com a mulher Els e os dois filhos, Julius e Bloeme, 17 e 14 anos. "É impressionante a proximidade com os animais e a mistura de safári com belas paisagens. Nenhum outro lugar da África é assim." Jan não está exagerando ao relatar o jantar com os rinos. Há um poço a menos de 50 metros do refeitório do lodge, muito utilizado pela turma que habita as redondezas. Nas três noites que dormimos ali, os hóspedes mais célebres que apareceram durante as refeições foram: um grupo de oito rinocerontes, duas leoas com sete filhotes, três elefantes, uma penca de zebras burchell (além do preto e branco, elas têm faixas bege) e impalas aos montes. Ao final do jantar, o ritual para retornar ao quarto é sempre o mesmo: chamar um funcionário, que vai até o armário, empunha uma espingarda calibre 12 e com a outra mão segura uma potente lanterna. Só assim se caminha pela trilha de 50 metros até o quarto. Uma vez deitado na cama o contato com os donos do pedaço continua: não adianta fechar os olhos, dá para ouvir o rugir dos leões. Boa noite.

PARA VOLTAR AO QUARTO, UM GUIA NOS ACOMPANHA COM UMA ESPINGARDA CALIBRE 12

ÓRIX NÃO SE INCOMODA COM O TRÂNSITO DE JIPES E ATRAVESSA ESTRADA NO PARQUE ETOSHA; ACIMA, LEOA RELAXA NO FIM DE TARDE NA RESERVA DE ONGAVA; NA PÁGINA AO LADO, RINOCERONTES APARECEM PARA O JANTAR NO ONGAVA TENTED CAMP E ELEFANTES MATAM A SEDE EM ETOSHA

ZEBRAS ACOMPANHAM ATENTAS A PASSAGEM DO RINOCERONTE-NEGRO NO PARQUE NACIONAL ETOSHA, UM DOS PRINCIPAIS LOCAIS DE SAFÁRI NO MUNDO

6. Etosha: o principal cartão-postal do país

Cabe aqui um rápido registro sobre a capital da Namíbia: Windhoek (fala-se Vinduk). A cidade de 340 mil habitantes vale o pernoite tanto na chegada quanto na saída do país (a conexão de voos para o Brasil é em Johanesburgo, na África do Sul). Dois dos melhores hotéis: Olive Grove e Heinitzburg. Dois dos melhores restaurantes: Sardinia's e O Portuga. Melhor lugar para compra de artesanato africano (como máscaras e estátuas de madeira): Independence Avenue, na altura da Post Street Mall, onde também há comércio de rua. Pronto. Agora, voltemos ao safári – afinal, estamos aqui para isso.

A vantagem de se hospedar no Ongava Tented Camp não é "apenas" desfrutar de uma reserva exclusiva. O lodge fica a cerca de meia hora da entrada do principal cartão-postal do país: o Parque Nacional Etosha, uma das mecas da observação de vida selvagem no planeta, com uma área de 22.912 quilômetros quadrados (metade da Suíça) e um cardápio de 340 espécies de aves e 114 de mamíferos – destaque para os rinocerontes-negros, quase extintos nas últimas décadas graças às caçadas ilegais para arrancar os chifres e abastecer o mercado asiático, que utilizava o pó do chifre na medicina tradicional. A época ideal para admirar os animais vai de maio a outubro, período de seca que obriga a bicharada a fazer fila nos poços de água: basta estacionar ao lado de um e esperar que apareçam. Só de zebras, são 12 mil; girafas, 3 mil; leões 250; elefantes, 2.500; springboks mais de 20 mil.

Baixe a *Revista Personnalité* no tablet e assista ao vídeo feito na Namíbia

Próximo a um desses poços (são cerca de 60), testemunhamos o sono de quatro leões ao lado da ossada de uma girafa. As barrigas quase explodindo demonstravam que eles tinham garantido comida para uma semana. Em outro poço, foi a vez de ver um leão saindo de fininho com a chegada de uma manada de elefantes. Um elefante adulto precisa de 160 litros de água e de 300 quilos de comida por dia. Os machos chegam a 4 metros de altura e 6.300 quilos – o bebê nasce com 120 quilos. No penúltimo dia de safári, combinamos uma visita ao Etosha pela manhã (destaque para a aparição de um rinoceronte-negro que congelou algumas zebras) e um tour por Ongava à tarde (destaque para rinoceronte-branco grávida, o que vimos, a pé, a cerca de 50 metros, com o guia Bono Batista, armado de espingarda). No último dia, horas antes do voo para Windhoek, a derradeira volta de jipe para procurar dez leões que, segundo o Bono, estariam em um canto de Ongava. Fomos até lá e... nada. Ok, não dá para reclamar, safári é assim mesmo, retornemos ao lodge. De repente, Bono freou. Ele pegou o binóculo e pediu que ficássemos em silêncio. Então, vi que algo se movia à frente. Pus o binóculo. Contei quatro guepardos maravilhosos deitados no meio da estrada. Ficamos ali um bom tempo. Um a um, eles foram levantando e saindo vagarosamente, como se desfilassem. Quando o último saiu de cena, senti que a viagem havia acabado. Chorei.

FAÇA AS MALAS E BOA VIAGEM
WILDERNESS SAFARIS: WILDERNESS-SAFARIS.COM
SOUTH AFRICAN AIRWAYS: FLYSAA.COM / (11) 3065.5115
HIGHLAND ADVENTURES: HIGHLAND.COM.BR / (11) 4301.4999
HOTEIS EM WINDHOEK: OLIVEGROVE-NAMIBIA.COM; HEINITZBURG.COM